



Obrigado por/a Ser Feliz: as Representações dos Idosos nas Telenovelas Brasileiras¹

Janara Sousa²

Universidade de Brasília - UnB

Universitat de Barcelona - UB

Resumo

O objetivo desse artigo é analisar como os idosos são representados nas telenovelas. Para tanto, foram examinados capítulos de 10 anos de telenovelas da Rede Globo de Televisão, exibidas no horário de 21h, o que representou um universo de 12 telenovelas. Como estratégia metodológica, analisamos o discurso nos centrado nos seguintes aspectos: situação social, emocional, cultural e financeira na qual esses indivíduos são apresentados; temas secundários que foram relacionados ao universo dos idosos; e o diálogo da ficção com o contexto político e social do país. Acreditamos que essas telenovelas promovem uma “reprivatização da velhice”, conceito da autora brasileira Guitta Debert, ou seja, um esvaziamento do discurso político sobre o envelhecimento e um reforço da responsabilidade do indivíduo por seu “envelhecimento saudável”.

Palavras-chave: televisão; idosos; telenovela; reprivatização da velhice; terceira idade.

1. Introdução

Certa vez Guitta Debert começou um artigo³ sobre as imagens dos idosos nos anúncios televisivos afirmando que para se dar legitimidade social a um discurso sobre a terceira idade no Brasil, um país onde a juventude é fortemente valorizada, é necessário, e, na verdade, é quase uma obrigação, apresentar os números do envelhecimento demográfico brasileiro. Isso porque ainda que seja de conhecimento público que a pirâmide etária brasileira esteja mudando a passos acelerados, o que vemos, especialmente nos meios de comunicação de massa, é um forte discurso de valorização da juventude, da beleza física⁴, do não se sentir velho e/ou não se tornar

¹ Trabalho apresentado ao NP Ficção Seriada, do VIII Nupecom - Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² **Janara Sousa** é jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Atualmente, faz doutorado em Sociologia, na linha de pesquisa Educação, Ciência e Tecnologia, também pela Universidade de Brasília, e está fazendo doutorado-sanduíche na Universitat de Barcelona, em Barcelona, na Espanha. É bolsista da Capes. E-mail: janara.sousa@gmail.com.

³ DEBERT, Guitta G.. O Velho na Propaganda. Cadernos Pagu (UNICAMP), CAMPINAS, v. 21, n. 1, p. 133-156, 2003.

⁴ Sem dúvida, o verbete “beleza” tem um significado mais amplo do que beleza física. Aliás, seria temerário nesse artigo utilizar “beleza” como sinônimo de “beleza física”. Quando nos referimos nesse texto à beleza estamos tratando especificamente do que concerne ao corpo, do conceito de beleza que a indústria anti-envelhecimento estimula, ligado ao fato de *esconder* ou *tentar evitar* as marcas corporais do envelhecimento; e que é amplamente reforçado pelos meios de comunicação brasileiros.



velho (ou seja, não assumir comportamentos que possam *revelar* os traços do envelhecimento).

Atualmente, segundo dados do IBGE (2006), quase 11% da população brasileira tem 60 anos ou mais de idade, ou seja, 19 milhões de brasileiros são idosos. Esse dado isolado pode não parecer muito importante, mas é necessário acrescentar que esse “envelhecimento demográfico”, não somente no Brasil como em quase toda a América Latina, vem acontecendo mais intensamente de 40 anos para cá, o que, sem dúvida, coloca o país numa posição delicada no sentido de se preparar para o crescimento do número de pessoas desse grupo etário e para as novas demandas que surgem por causa disso. Na Europa, por exemplo, esse envelhecimento demográfico aconteceu praticamente ao longo de um século e, sem dúvida, o velho mundo ocidental teve mais tempo de pensar os desafios do aumento do número de idosos.

O fato de a população brasileira estar vivendo cada vez mais e até idades mais altas não é novidade. Na verdade, esse fato nem precisa ser reforçado com a apresentação de dados estatísticos, porque politicamente tem sido exaustivamente apresentado pelos profetas da catástrofe que prevêem a falência da seguridade social brasileira. Uma evidência da importância do envelhecimento demográfico no Brasil e no mundo é o surgimento dessa nova categoria social, que diz respeito ao grupo etário de pessoas com 60 anos ou mais de idade⁵: a terceira idade.

O surgimento de uma categoria específica é, sem dúvida, a expressão do empoderamento dos indivíduos que a compõem. A relação é clara: um maior número de idosos quer dizer também que seu peso político, social, econômico, cultural também aumenta. Agora temos mais idosos consumidores, votantes, chefes de família.

A terceira idade foi uma categoria criada como uma maneira de mudar as imagens que o termo “velhice” continha.

De modo simplificado, esse conceito (terceira idade) pode descrever um movimento baseado no empoderamento de pessoas mais velhas que lutam contra os estereótipos da velhice e por melhores condições de vida. Terceira idade é, em geral, positivo – e não necessariamente velhice – e cria novos estereótipos que estão frequentemente ligados à atividade constante (Katz, 1999), ao consumo (Featherstone e Hepworth, 1982), independência, empoderamento, e “diversão” num mundo muito mais orientando para viver o presente sem deterioração (...) (Trad. livre) (LEIBING, p. 4, 2004).

⁵ De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, idosos são pessoas – homens e mulheres – com 60 anos ou mais de idade, em países em desenvolvimento; e pessoas com 65 anos ou mais, em países desenvolvidos.



Nesse sentido, os pólos de poder mudam. A oposição *jovem x velho* ganha uma nova conotação. O velho não é mais como era antes. Na verdade, o idoso é o adulto que agora pode viver e usufruir de um novo *status*, que lhe permite, mesmo depois dos 60 anos de idade, ter uma vida ativa, um rendimento fixo garantido, poder consumir e enfim desempenhar um papel social distinto do que tinham os chamados velhos. Sem dúvida, o mundo e o Brasil se reorganizam para conduzir essa mudança. Contudo, uma pergunta nos intriga: quais as representações que vêm sendo construídas sobre a terceira idade no Brasil? Ou, ainda mais especificamente, como a mídia vem construindo a imagem dessa nova categoria social? Acreditamos que essa pergunta é ainda mais especial no caso do Brasil porque, como comentamos antes, somos um país que valoriza a juventude, o ser jovem, o parecer jovem, o continuar jovem, a despeito do acelerado processo de envelhecimento demográfico.

O que podemos constatar é que o discurso sobre a terceira idade brasileira é construído com base nessa valorização da juventude. A jovialidade, a beleza física, o sentir-se jovem é a medida na qual se constrói o discurso sobre o envelhecimento. Especialistas, jornalistas, publicitários, representantes do Governo se esforçam para criar a imagem de uma terceira idade ativa, apresentar os ganhos do envelhecimento e evitar as imagens de tristeza, solidão e de perdas de capacidades. “*Essa representação tem impacto especial num país em que o culto à beleza, à juventude e à sensualidade tem sido uma das marcas mais destacadas de sua cultura*” (DEBERT, 2003, p. 152). Sem dúvida, uma cultura que privilegia a juventude tem no envelhecimento demográfico um desafio, sobretudo, cultural para enfrentar.

É estratégico para a mídia brasileira, como qualquer outra instituição social, incorporar no seu discurso os idosos. O empoderamento desse grupo interessa aos meios de comunicação porque, como colocamos antes, a terceira idade assume cada vez mais um espaço privilegiado de consumo. Contudo, até o momento, tem sido apontado por diversos pesquisadores como Debert (1999, 2003), Leibing (2005) e Camarano (2002) que os meios de comunicação brasileiros investem na idéia da eterna juventude e respondem ao estímulo da poderosa indústria anti-envelhecimento, celebrando a beleza corporal, a contínua atividade e a jovialidade.

Sem dúvida, os idosos passaram a ocupar cada vez mais espaço na mídia brasileira. E, certamente, não são mais representados exclusivamente como os avós abnegados ou como os velhos teimosos. A “conspiração do silêncio” sobre as questões que concernem ao envelhecimento e à velhice, denunciada por Simone de Beauvoir



(1970) em seu livro “A Velhice”, também foi quebrada pela mídia brasileira. Buscamos, com essa pesquisa, compreender melhor como esse processo se dá na televisão, especialmente, como isso ocorre nas rainhas da audiência brasileira – as telenovelas, que ocupam boa parte do horário nobre da televisão e há anos são acompanhadas por milhões de brasileiros. Muitas vezes acusadas de uma influência nociva, outras vezes aplaudidas por suas bem-elaboradas campanhas sociais, as telenovelas constroem estereótipos sobre diversos grupos e é inegável a importância dessas imagens na representação social desses grupos. A pergunta central dessa pesquisa é: como essas novelas constroem a imagem dessa emergente categoria social – a terceira idade? Como acontece o diálogo entre a valorização da juventude e a incorporação dessas novas imagens dos idosos nessas tramas?

2. Procedimentos metodológicos

Para cumprir com o objetivo dessa pesquisa, que é analisar como os idosos são representados pelos meios de comunicação brasileiros, resolvemos centrar o nosso foco na televisão. Essa decisão foi estratégica, considerando a relevância da TV para o Brasil. Uma evidência dessa afirmação é o fato de que, de acordo com dados do IBGE, 93% da população brasileira tem acesso à televisão. Aproximadamente 88% dos domicílios no Brasil têm, pelo menos, um aparelho televisor. Mas, a informação mais importante não está exatamente no número de aparelhos televisores e, sim, no fato de 40% da população utilizar somente este meio para se informar.

O recorte pelas telenovelas também teve razões especiais. Primeiro porque, como colocamos antes, elas são campeãs de audiência, ou seja, fazem parte do dia-a-dia do brasileiro. O papel das telenovelas é inegável como formuladoras de representações sociais. Pautam os telespectadores, pautam os políticos, pautam os jornais e também pautam o campo científico e acadêmico, que se vê levado a compreender a influência dessas tramas no âmbito social, político e cultural:

A telenovela ocupa, assim, um importante lugar na cultura e na sociedade brasileiras. Ela constrói um cotidiano na tela em estreita relação com a realidade social em que se situa, trazendo para a construção das personagens as preocupações, os valores e os temas que perpassam o cotidiano dos telespectadores (SIMÕES, 2006).



A segunda razão reside no fato de que, nesse horário específico, às 21h, é quando a TV comercial brasileira tem mais audiência, de 60% a 80% (DEBERT, 2003).

O nosso universo de pesquisa foi, portanto, 10 anos de telenovelas brasileiras, exibidas no horário de 21h, o que representou um total de 12 novelas. É necessário dizer que não fizemos uma coleta completa desse universo. Por exemplo, não pudemos resgatar todos os episódios das tramas. Como o período de tempo do recorte foi muito extenso, certamente, não foi possível recuperar todas as informações. Ainda assim, acreditamos que o recorte de 10 anos foi essencial para essa pesquisa porque nos permitiu compreender melhor como foi/está sendo o processo de representação dos idosos; como os câmbios nessas representações acontecem; e se essa representação foi modificada por causa de fatos sociais e políticos, como o fortalecimento da categoria de terceira idade e a aprovação do Estatuto do Idoso. Por isso, nos detemos às questões centrais de discussão de cada uma das novelas e acreditamos fortemente que esse material traz pistas seguras sobre como esses programas têm representado os idosos brasileiros.

Tabela 1 - Telenovelas Analisadas (todas foram exibidas pela Rede Globo de Televisão)

NOME	ANO DE EXIBIÇÃO	DIRETOR	DESCRIÇÃO DO PERSONAGEM(ENS) IDOSO(S)
Terra Nostra	1999-2000	Jayme Monjardim Matarazzo	Homem idoso que se apaixona por uma mulher mais jovem. Ele vive profundos conflitos e sofre preconceitos, por causa de sua idade, quando decide se entregar a esse amor.
Mulheres Apaixonadas	2003	Ricardo Waddington, Rogério Gomes, José Luiz Villamarim, Ary Coslov e Marcelo Travesso	Casal de idosos que passa a sofrer agressões moral e física da própria neta. Nessa trama há o debate sobre a provação do Estatuto do Idoso.
Senhora do Destino	2004-2005	Wolf Maya, Luciano Sabino, Marco Rodrigo, Cláudio Boeckel e Ary Coslov.	Nessa trama há dois núcleos dramáticos com idosos. O primeiro trata-se de uma mulher com o mal de Alzheimer e o segundo trata-se de um homem amargurado que teve seu benefício previdenciário calculado errado e luta para tentar revisá-lo.
Belíssima	2005-2006	Luiz Henrique Rios e Denise Saraceni	O núcleo idoso dessa trama é cômico e é formado por duas ex-vedetes que tentam voltar aos palcos.
Paraíso Tropical	2007	José Luiz Villamarim e Dennis Carvalho	Nessa novela os idosos fazem parte do núcleo



			cômico. E é representado por um casal, que apesar das dificuldades, leva uma vida alegre, e uma viúva, que tenciona com eles.
--	--	--	---

Fonte: elaboração própria

Assim colocado, o segundo procedimento para fazer a análise desse material foi filtrar, no universo de 12, as telenovelas que realmente tratavam diretamente sobre a questão do envelhecimento ou sobre as condições de vida dos idosos, ainda que essa abordagem não fosse central na trama. Desse filtro, restaram cinco tramas: Terra Nostra (1999-2000); Mulheres Apaixonadas (2003); Senhora do Destino (2004-2005); Belíssima (2005-2006); e Paraíso Tropical (2007). Isso significa que quase metade das telenovelas exibidas entre os anos de 1997 a 2007 problematizavam a questão do envelhecimento. É importante dizer que isso não é o mesmo que ter personagens idosos, ou que representam idosos, nas tramas. Se fosse assim, analisaríamos todas as telenovelas. Escolhemos as produções que problematizaram o fato de o indivíduo ter 60 anos ou mais de idade, que trouxeram essa questão de maneira aberta, ainda que não fosse o tema de discussão mais importante de cada uma. Colocando de outro modo, buscamos as tramas em que o fato de o indivíduo ser idoso era representativo, para que, de algum modo, essa sua condição fosse discutida/refletida na trama por ele mesmo ou pelos outros personagens.

Nesse sentido, para compreender o discurso sobre os idosos das cinco telenovelas selecionadas, consideramos indicadores sobre as seguintes variáveis:

1 – Contexto do personagem fictício – essa variável diz respeito aos aspectos materiais e imateriais nos quais o personagem está envolvido, como sua situação: social, emocional, física, cultural e financeira. Por exemplo, interessava-nos saber qual era o arranjo familiar do idoso na trama, ou seja, se morava sozinho ou na casa de parentes;

2 – Temas secundários – os temas relacionados ao universo dos idosos. Essa variável buscava compreender quais associações eram feitas à terceira idade, se: doença, solidão, abandono, atividade física e laboral, sexo, cuidado com a família, consumo e outros;

3 – Contexto histórico brasileiro – e, finalmente, como essas questões foram ou não influenciadas pelo contexto político-social da época. Para isso temos dois marcos históricos: a emergente categoria social terceira idade, ou seja, como os valores dela apareceram ou foram alijados dessas tramas (esse marco coube a todas as telenovelas porque, desde a década de 80, a categoria vem num forte processo de fortalecimento no



Brasil); e a aprovação do Estatuto do Idoso, que aconteceu no ano de 2003 (portanto, esse aspecto foi considerado pelas telenovelas exibidas em 2003 e a partir dessa data).

3. Discursos ambíguos – bem-vindo à pior idade

As representações dos idosos e do envelhecimento nas telenovelas da Rede Globo de Televisão exibidas no horário da 21h, no período de 1997 a 2007, foram marcadas por duas fases importantes, que revelam as polaridades: melhor idade/pior idade e humor/drama. O discurso das telenovelas analisadas traz consigo uma ambigüidade: os extremos de se representar a terceira idade como um momento de atividade, de autonomia e de estabilidade financeira até a fragilidade emocional e física, a perda da autonomia e a solidão.

Até o ano de 2004, ou seja, em três produções, a maior parte dos núcleos que continham idosos foi os que os representaram como “velhos”, ou seja, os valores da velhice foram privilegiados em detrimentos dos valores da terceira idade. Isso implica dizer que os idosos foram retratados como frágeis, tristes, sozinhos, carentes e enfermos. Ou seja, o que as autoras Leibing (2005) e Debert (2003) chamam de imagens da velhice está mais ligado ao período que antecede o surgimento da categoria terceira idade.

Do ponto de vista do contexto do personagem fictício, consideramos que as representações dos idosos foram conservadoras, revelaram os sofrimentos e as agruras da velhice e, quase sempre, compuseram a parte dramática da ficção. Os arranjos familiares nos quais os idosos estavam representados eram tradicionais, ou seja, marcados pela presença de pai, mãe, filhos e netos. A maior parte dos idosos dessas telenovelas, até o ano de 2004, não eram mais chefes de família. Viviam na casa de seus filhos e/ou netos e contribuíam com as despesas familiares por meio do seu benefício previdenciário.

Uma exceção, no que concerne ao arranjo familiar, foi a novela *Terra Nostra*, exibida entre 1999 e 2000, em que o personagem idoso Francesco Magliano, vivido pelo ator Raul Cortez, deixa a sua casa, na qual era o chefe da família, para viver com uma mulher mais jovem que ele. Todo o desenrolar desse núcleo da trama passa pela discussão do preconceito por essa união de um idoso com uma mulher mais jovem. Contudo, ainda que essa novela trouxesse, mesmo que de maneira tímida, a questão da



sexualidade na terceira idade, esse mecanismo de representação também foi muito conservador. De acordo com Figueiredo *et al* (2007), os homens idosos, ao contrário das mulheres, lançam mão de um segundo casamento com mais frequência e, em geral, o seu cônjuge é mais jovem. É importante ressaltar que nessa telenovela o personagem Francesco Magliano não tem como rótulo principal “idoso”, ao contrário, seus rótulos são relativos a empresário, rico, homem bem-sucedido, enquanto o fato de ser idoso vem à tona na trama somente quando ele resolve se envolver com uma mulher mais jovem. Portanto, essa rotulação veio como uma maneira de constranger o personagem, lembrando-o do que ele já não pode mais viver. Na verdade, via de regra, quando o personagem idoso é empoderado na trama, o rótulo “idoso” não aparece. O fato de Francesco ser idoso é obliterado na trama e prevalecem os rótulos de classe social e gênero, por exemplo.

Além disso, os personagens que representavam pessoas idosas nessas tramas também tinham algum tipo de debilidade física e/ou psicológica, como: Alzheimer, dificuldade de locomoção e enfermidades crônicas. Um exemplo disso ocorreu na trama de *Senhora do Destino*, exibida entre os anos de 2004 e 2005, em que a personagem Laura Correa de Andrade e Couto, interpretada pela atriz Glória Menezes, sofria do mal de Alzheimer. Essa novela foi uma das únicas brasileiras que debateu essa enfermidade, que, geralmente, está associada à terceira idade. Laura Correa pertencia a uma família rica e seu marido e seu abnegado mordomo tratavam da enferma tentando esconder dos outros personagens da trama os traços da doença.

Nessa mesma novela, havia outro personagem idoso: o sr. Jacques Pedreira, interpretado pelo ator Flávio Migliaccio, que, ao contrário da personagem Laura, era um homem pobre e vivia atormentado e amargurado esperando a revisão do seu benefício previdenciário, o qual foi concedido somente cinco anos depois do pedido de revisão. O sr. Jacques também compunha o núcleo dramático da novela. Era um homem de visão pessimista e língua afiada, que sempre tinha um comentário sobre tudo o que via, o que revelava sua desilusão diante da vida. O sr. Jacques foi também, no nosso universo de pesquisa, o único representante que trouxe as reivindicações do movimento dos aposentados e pensionistas. Os temas que circundavam esse personagem eram quase todos relativos às políticas públicas brasileira de atenção aos idosos. As imagens eram de grandes filas dos postos de benefício do INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social, de negligência dos servidores deste Instituto para com os aposentados e pensionistas e, de modo mais abrangente, do desrespeito aos direitos da pessoa idosa,



como, por exemplo, a negação do direito ao transporte público gratuito. Sem dúvida, essa trama dialoga com o Estatuto do Idoso, lei nº. 10.741, aprovado em outubro de 2003. De certa maneira, esse personagem reclamava os direitos e as garantias não cumpridas. Contudo, o foco desse personagem era o Sistema Previdenciário Brasileiro, o que pode ter uma relação com as reformas previdenciárias, em especial, a de 2003, que regulamentou a contribuição dos inativos; e como as freqüentes denúncias, naquele ano e nos anos anteriores, sobre as fraudades cometidas contra o INSS.

O papel do personagem sr. Jacques pode ser encarado como uma continuação do papel de um casal de idosos da novela “Mulheres Apaixonadas”, exibida no ano de 2003. Essa novela foi, indubitavelmente, um marco na dramaturgia brasileira no que diz respeito ao debate político e social sobre os direitos e deveres da pessoa idosa. Nunca a condição dos idosos, seus direitos e deveres e seu papel social foi abordado, no universo das telenovelas, com na trama “Mulheres Apaixonadas”.

Os abnegados avôs Leopoldo e Flora, que compuseram o núcleo dramático da trama, trouxeram o debate sobre o Estatuto do Idoso para dentro da ficção, o qual teve a sua discussão e aprovação discutida como um dos temas centrais desta novela. Leopoldo e Flora, representados respectivamente pelos atores Oswaldo Louzada e Carmem Silva, formavam um casal de idosos que vivia na casa do filho porque não tinham condições de se manterem sozinhos. Apesar de Leopoldo ser aposentado, na trama ficava claro que seu benefício era insuficiente para sustentar o casal. O filho deles, representado pelo ator Marcus Caruzo, era casado e tinha dois filhos. Portanto, no apartamento desse chefe de família vivia, além dele mesmo, sua esposa, seus dois filhos e seus pais: Leopoldo e Flora.

O drama do casal começa porque sua neta se recusa a dividir o espaço do apartamento da família com eles. A partir de então, os avôs passam a ser alvo de humilhações e violência física e verbal. Esse fato coincide exatamente com a discussão pública sobre a aprovação do Estatuto do Idoso, que ampliava os direitos dos idosos em relação à Política Nacional do Idoso, lei que lhe antecedia. O casal de idosos sofria as agressões em silêncio, amedrontados por sua própria segurança e pelo destino da neta.

Ficção e realidade se misturavam porque, enquanto o frágil casal de idosos sofria na trama, o Governo e as associações de aposentados e pensionistas e de terceira idade faziam consultas públicas e promoviam o debate sobre o conteúdo do Estatuto. Trechos da Lei eram citados ao longo da trama, revelando o quanto ela estava sendo influenciada pelo contexto político nacional. A produção “Mulheres Apaixonadas” assumiu a defesa



da aprovação do Estatuto e os personagens pertencentes ao núcleo de Leopoldo e Flora revelavam isso nas suas falas e nas suas atitudes. Além disso, os abnegados avós comoveram os telespectadores ao sofrerem as agressões da neta e de outros personagens passivamente, porque não tinham condições nem de respondê-las, nem de denunciá-las.

O sofrimento do casal chega ao fim quando seu filho descobre os maltratos que os pais vinham passando, o que coincidiu com a aprovação do Estatuto. A ficção dialogou com a realidade e a realidade fez o mesmo com a ficção. No dia da votação da Lei, o casal de velhinhos e o núcleo que fazia parte do drama deles estavam no Congresso Nacional. Além disso, participaram de audiência pública naquela casa, para discutir a questão da violência contra os idosos. O casal, sem dúvida, transformou-se num símbolo nacional da luta pelos direitos da pessoa idosa.

4. Melhor idade – a vida começa aos 60!

A partir de 2004, percebemos uma sensível modificação na representação dos idosos nas telenovelas da Rede Globo de Televisão exibidas no horário de 21h. Saímos do núcleo dramático para ingressarmos no núcleo cômico. Ou, mais especificamente, saímos da pior idade para a melhor idade.

Nesse sentido, as tramas exibidas nos anos de 2005, 2006 e 2007 tiveram como característica principal inserir os idosos no núcleo cômico. Os temas secundários, ao contrário do grupo de novelas analisadas no tópico anterior, já não foram mais ligados a enfermidade, solidão, maus-tratos. Agora as temáticas que envolviam os personagens dos núcleos que continham idosos eram a questão da contínua atividade, do cuidado com o corpo, sexo, relacionamento e trabalho. E, ainda que os personagens sofressem dramas relativos ao fato de terem 60 anos ou mais de idade, eram representados de forma *engraçada*, como comicidade, ou seja, já não traziam mais a carga dramática de outrora.

As representações dos idosos das duas produções selecionadas nesse ano – *Belíssima* (2005-2006) e *Paraíso Tropical* (2007), eram de pessoas capazes de rirem de si mesmas. Pessoas que estavam vivendo um momento especial da vida, que apesar das perdas causadas pelo processo de envelhecimento, eram capazes de ter soluções criativas.

Como evidência, podemos citar o exemplo da telenovela *Belíssima*. Nessa trama havia um núcleo cômico formado por duas idosas que viviam juntas, num apartamento na zona nobre da capital do Rio de Janeiro, herdado de um dos maridos. Ambas eram viúvas, foram vedetes no passado, tentavam, sem sucesso, se reinserir no mercado de trabalho e conseguir emprego. As idosas conduziam as marcas do envelhecimento entre o desespero atrapalhado por não serem mais jovens e o bom-humor destemperado. Essa representação do destempero, das idéias mirabolantes e do comportamento demasiado fútil, certamente, não está ligado ao fato de elas serem da categoria terceira idade e, sim, ao fato de serem mulheres.

A dupla de vedetes Guida Guevara e Quiqui, interpretadas respectivamente pelas atrizes Íris Bruzzi e Serafim Gonzalez, sofria por não aceitar o fato de serem idosas. Suspiravam pelos anos de *glamour* em que eram consideradas como as mulheres mais lindas do Brasil e inventavam inúmeros planos para voltarem ao universo do *glamour*, da beleza, dos palcos e das passarelas. As duas viúvas, contudo, conflitavam e competiam por esse espaço. O conflito entre ambas era temperado pelas trapalhadas dessas personalidades de caráter duvidoso e interesseiro.

Sem dúvida, essa trama trouxe outra maneira de representar os idosos, exacerbando no que chamamos de valores da terceira idade. A dupla de idosas não se aceitava como tal e, em diversas circunstâncias da novela, negavam o fato de serem idosas, enaltecendo os valores ligados à juventude e à beleza corporal.

Outro exemplo é o da novela *Paraíso Tropical*, exibida no ano de 2007, que também tinha um núcleo idoso ativo, empoderado e envolvido em novos arranjos familiares. A personagem idosa Iracema Brandão, interpretada pela atriz Daisy Lúcidí, assim como as vedetes da novela anterior, também era viúva e vivia sozinha. Não tinha optado por um segundo casamento e nem tinha relacionamentos amorosos. Essa viúva sempre tinha sido dona de casa e agora vivia com o benefício de seu marido, que era militar. Iracema era a síndica do prédio e vivia um sério conflito com Virgínia Baptista, interpretada por Yoná Magalhães.

Uma curiosidade da trama é a personagem Virgínia. Não fica claro se ela é idosa ou não. Mas, é visível que se ainda não tinha completado 60 anos estava muito próxima de cumpri-lo. As imagens dessa personagem são de contínua atividade, alegria, exercício físico, liberdade e autonomia. Ela é casada com Belisário, um homem idoso, que vive amargurado por causa da sua perda de poder.



Belisário, interpretado pelo ator Hugo Carvana, vive à custa do seu filho e lamenta o fato de ter perdido poder, prestígio e dinheiro. A angústia desse personagem, temperada por pitadas de bom-humor, é relativa ao fato de ele ser idoso. Essa representação pode ser explicada pelo fato de que, segundo as autoras Figueiredo *et al* (2007), os homens velhos, ao contrário das mulheres, amarguram-se por sua perda de *status*:

Na 1ª categoria destacou-se a baixa auto-estima vivenciada pelos homens ao envelhecerem, o que coincide com eventos como a aposentadoria, na qual o homem que envelhece passa a ter o seu dia-dia no espaço privado, perdendo assim o poder característico do homem adulto jovem que tem no espaço público sua atuação cotidiana; isto representa, portanto, perda de poder, que tem repercussões significativas na imagem de autonomia, de liberdade e de poder vivido pela maioria dos homens, ao contrário do que ocorre com as mulheres que hoje têm 60 anos ou mais, para as quais, a família foi quase sempre o principal ponto de referência e poucas têm alguma profissão ou atuam como profissionais (FIGUEIREDO, et al, 2007, p. 424).

Já as mulheres, ao envelhecerem, conforme as autoras, experimentam uma sensação de conquista de autonomia e liberdade. Nesse grupo de novelas analisado, as mulheres assumem exatamente esse perfil: dificilmente se envolvem em um segundo casamento, empoderam-se, vivem sozinhas e usufruem desse ganho de liberdade (não raras foram as imagens dessas mulheres consumindo e dos espaços públicos de circulação).

5. Considerações finais – obrigada por/a ser feliz!

O envelhecimento demográfico é uma conquista social. Segundo o autor espanhol Julio Perez Diaz (2003), trata-se da democratização da vida até a fase adulta. Contudo, ainda conforme o autor, um bem que se torna coletivo pode ser visto como um problema social.

Nesse sentido, o envelhecimento demográfico ou, mais especificamente, o maior número de idosos no mundo passou a ser visto de maneira ambígua. Isso é facilmente percebido, por exemplo, na Academia. Há autores, como Pérez Díaz, que lembram que o aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais de idade é uma das maiores conquistas da humanidade. Contudo, há, também, inúmeros autores, como já colocamos



antes, que encaram os idosos como peso social, ou seja, indivíduos não-produtivos que oneram o Estado.

Essa ambigüidade não está somente no discurso acadêmico-científico. Está também em outras esferas da sociedade, como, por exemplo, nos meios de comunicação de massa. Na nossa análise das telenovelas, constatamos como o discurso oscila em considerar a terceira idade como a pior época da vida do indivíduo ou como a melhor.

Assim colocado, podemos, mais facilmente, compreender porque as representações dos idosos nessas tramas televisivas estão em pólos tão distintos. Dor e euforia, na verdade, somente revelam a confusão no modo de encarar o aumento do número de pessoas idosas no Brasil.

Esses dez anos de telenovelas foram marcados por dois períodos distintos: um em que os idosos faziam parte do núcleo dramático, até no ano de 2004; e o outro marcado, pelo exato pólo extremo, a partir do ano de 2005, no qual as pessoas idosas compuseram o núcleo cômico. Percebemos duas tendências principais: o esvaziamento do discurso político sobre o direito dos idosos e a enfatização dos valores ligados à terceira idade, chegando ao limite da promoção do que Debert (1999) chama de “reprivatização da velhice”, ou seja, de deixar na mão do indivíduo a culpa pelos problemas que ele pode vir a ter, devido ao processo de envelhecimento.

A primeira tendência, de esvaziar o discurso político sobre o tema, talvez sequer seja uma tendência. Na verdade, o que podemos perceber com as análises é que o debate sobre os direitos dos idosos aconteceu em dois casos pontuais, que coincidiam com um momento político importante para o Brasil: a discussão e aprovação do Estatuto do Idoso. Depois desse fato, os personagens que interpretavam pessoas idosas se calaram no que concerne aos seus direitos e deveres.

Calaram-se sobre isso, mas se abriram para sorrir, fazer exercícios físicos, consumir ou, mais precisamente, mostrar o quanto usufruem dessa etapa especial da vida. Essa nova maneira de representar o idoso traz consigo um traço perverso. Ele já não é mais o enfermo, o solitário, o carente. Ele agora é o indivíduo que traz sozinho a responsabilidade pelo seu presente e seu futuro. Portanto, os meios de comunicação reforçam a reprivatização da velhice: *“(...) que implica a sua transformação num problema dos indivíduos que foram incapazes de se envolver em atividades motivadoras, deixando de adotar formas de consumo e estilos de vida capazes de evitar a velhice e seus problemas”* (DEBERT, 2003, p. 137).



As representações dos idosos na mídia são atropeladas pela valorização da juventude e pela indústria do anti-envelhecimento. E, nesse sentido, a pessoa idosa é cobrada por suas enfermidades e seus sofrimentos. Estar doente ou sofrer alguma limitação causada pelo processo de envelhecimento pode ser visto como negligência pessoal. Conseqüência de quem não se cuidou no passado ou não é capaz de enfrentar o seu presente com determinação.

O binômio pior idade/melhor idade, presente nas telenovelas que analisamos, trazem essa característica perversa da reprivatização do envelhecimento. Não há saída! Aos idosos no Brasil é concedida a obrigação de ser feliz. O que, certamente, pode retirar a terceira idade do leque das preocupações sociais (DEBERT, 1999).

“Obrigado por ser feliz” ou “obrigado a ser feliz”. Agradecimento e imposição. A ambigüidade do verbete “obrigado” é também a ambigüidade que os idosos brasileiros vivem. “Obrigado por ser feliz” é o agradecimento que as instituições sociais fazem aos idosos que são felizes e “obrigado a ser feliz” é a empresa necessária dos que não são.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Estatuto do Idoso**: Lei nº. 10.741, de 2003.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**: Lei nº. 8.842, de 1994.

CAMARGOS, M. C. S. ; MACHADO, C. J. ; RODRIGUES, R. N. . “A relação entre renda e morar sozinho para idosos paulistanos, 2000”. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 24, p. 37-51. São Paulo, 2007.

CARAMANO, A. M. “Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica”. **Texto para discussão nº. 858**. Rio de Janeiro (RJ): IPEA, 2002.

DEBERT, Guita G. "A Invenção da terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.12, n.34, 1997.

DEBERT, Guita G.. “O Velho na Propaganda”. **Cadernos Pagu (UNICAMP)**, CAMPINAS, v. 21, n. 1, p. 133-156, 2003.

FIGUEIREDO, M.L.F *et al.* “As diferenças de gênero na velhice”. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2007.



IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005** - Síntese dos indicadores. . Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

LEIBING, A. “The Old Lady from Ipanema: Changing Notions of Old Age in Brazil”. **Journal of Aging Studies** New York/EUA, 2005, p. 15-31.

PÉREZ DÍAZ, Julio. "Consecuencias sociales del envejecimiento demográfico". **Papeles de economía**, 2000.

PÉREZ DÍAZ, Julio. **La madurez de masas**. Madrid: Instituto de Migraciones y Servicios Sociales (IMERSO), 2003.

SIMÕES, P. G. “Telenovela e vida social: a construção do *ethos* contemporâneo”. In: **VIII Congresso Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação – ALAIC**. México, 2006.

SIQUEIRA, R.L; BOTELHO, M.I. V; COELHO, F.M.G. “A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais“. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002.